



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**Natália Huf**

*Quanto tempo o tempo tem*

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina **Técnicas de Projetos em Comunicação**, ministrada pela **Profa. Gislene Silva**, no primeiro semestre de 2017.

Orientador indicado: Prof. Mauro César Silveira

Florianópolis  
Junho de 2017

<b>FICHA DO TCC</b>		Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
<b>ANO</b>	2017			
<b>ALUNO</b>	Natália Huf			
<b>TÍTULO</b>	Quanto tempo o tempo tem			
<b>ORIENTADOR</b>	Mauro César Silveira			
<b>MÍDIA</b>	X	Impresso		
		Rádio		
		TV/Vídeo		
		Foto		
		Web site		
		Multimídia		
<b>CATEGORIA</b>		Pesquisa Científica		
		Produto Comunicacional		
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)		
		Produto Jornalístico (inteiro)	<b>Local da apuração:</b>	
	X	Reportagem livro-reportagem ( )	( x ) Florianópolis ( x ) Santa Catarina ( x ) Região Sul	( x ) Brasil ( ) Internacional País: _____
<b>ÁREAS</b>	Grande reportagem; ensaio jornalístico; pós-modernidade; percepção do tempo; velocidade.			
<b>RESUMO</b>	Este Trabalho de Conclusão de Curso, uma grande reportagem, impressa e para revista, é uma série composta por três ensaios que discutem e analisam como se dá a percepção da passagem do tempo em relação à velocidade do nosso cotidiano. As pautas abordam a agilidade das tecnologias e a rapidez da circulação de informação; como esse ritmo acelerado impacta o ser humano em suas saúde, relações interpessoais e hábitos de consumo; e as maneiras de ir contra essa tendência, como os movimentos <i>slow</i> ( <i>slowfood</i> , <i>slow fashion</i> , entre outros). As fontes da reportagem são especialistas das áreas da História, Antropologia, Psicologia, Neurologia, Publicidade e Jornalismo, além de entrevistas e relatos de pessoas comuns.			

## SUMÁRIO

<b>1. EMENTA</b> .....	3
<b>2. RESUMO</b> .....	3
<b>3. DESCRIÇÃO DO PROJETO</b>	
<b>3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	4
<b>3.2 JUSTIFICATIVAS: escolha do tema e da mídia impressa</b> .....	6
<b>3.3 ESTRUTURA</b> .....	8
<b>3.4 FONTES</b> .....	8
<b>4. CRONOGRAMA</b> .....	14
<b>5. ORÇAMENTO</b> .....	15
<b>6. FINALIDADES</b> .....	16
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	17
<b>8. BIBLIOGRAFIA A SER CONSULTADA</b> .....	19
<b>ANEXO A - Termo de aceite do orientador</b> .....	20

## **1. EMENTA DO PROJETO**

**1.1 Título do projeto:** Quanto tempo o tempo tem

**1.2 Natureza do projeto:** Ensaio jornalístico

**1.3 Aluna responsável:** Natália Huf

**1.4 Suporte do projeto:** Texto impresso

**1.5 Instituições envolvidas e equipe:** Universidade Federal de Santa Catarina

**1.6 Semestre programado para realização:** 2017.2

**1.7 Custos e fontes de financiamento:** R\$ 3.240,00, fonte própria

**1.8 Indicação do professor-orientador:** Mauro César Silveira

## **2. RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso, uma grande reportagem, impressa e para revista, é uma série composta por três ensaios que discutem e analisam como se dá a percepção da passagem do tempo em relação à velocidade do nosso cotidiano. As pautas abordam a agilidade das tecnologias e a rapidez da circulação de informação; como esse ritmo acelerado impacta o ser humano em suas saúde, relações interpessoais e hábitos de consumo; e as maneiras de ir contra essa tendência, como os movimentos *slow* (*slowfood*, *slow fashion*, entre outros). As fontes da reportagem são especialistas das áreas da História, Antropologia, Psicologia, Neurologia, Publicidade e Jornalismo, além de entrevistas e relatos de pessoas comuns.

**Palavras chave:** grande reportagem; ensaio jornalístico; pós-modernidade; percepção do tempo; velocidade.

### 3. DESCRIÇÃO DO PROJETO

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

“De fato, a modernidade é, talvez mais do que qualquer outra coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (Bauman, 2001, p.128). O tempo, parte dinâmica e maleável do conjunto espaço-tempo, e torna-se “um fator de disrupção” (Bauman, 2001, p.130). Tão maleável e manipulável que pode ser percebido de maneiras diferentes. Os primeiros registros da marcação da passagem do tempo datam da antiguidade, quando os povos utilizavam o Sol como marco. Através da sombra de elementos da natureza, como rochas, as civilizações antigas conseguiam demarcar a passagem do tempo. O conceito de tempo como hoje o conhecemos, medido em horas, minutos e segundos, foi uniformizado a partir do surgimento dos trens, com a criação da linha que ligava as cidades inglesas de Liverpool e Manchester. As viagens tinham horário marcado e, com a falta de unificação, aconteciam muitos acidentes, pois cada localidade marcava uma hora diferente, guiando-se pelo sol. A necessidade da *pontualidade* obrigou a sociedade moderna, pós-revolução industrial, a cronometrar-se: o tempo precisava ser marcado igualmente em todos os lugares, criando a imposição do relógio. Na época, houve manifestações contrárias — um jornal de Edimburgo publicou uma nota que dizia “*Ingleses, que nosso grito de guerra seja: ou os trens, ou o sol!*”. Mas, em 1880, o sistema ferroviário se unificou com o horário de Londres.<sup>1</sup>

A questão do tempo já foi abordada pela filosofia e pela arte inúmeras vezes, e desde a Antiguidade é tema de discussão. No diálogo *Timeu*, Platão diz que o tempo é “a imagem móvel da eternidade”; o pensador medieval Santo Agostinho classifica-o como algo que não se pode apreender ou compreender; e filósofos da pós-modernidade, como Bauman, o entendem como “líquido” (aqui, a liquidez toma o sentido de fugidio, incerto, instável). Em 1937, o artista plástico catalão Salvador Dalí representou o tempo em seus relógios derretidos. Para Spode (2012, p.4), o pintor via os relógios como “instrumentos normalizadores e exatos que traduziam de forma objetiva a passagem do tempo”. Ao dotá-los de formas orgânicas, recorda e representa

---

<sup>1</sup> Informações retiradas da reportagem *El tiempo se nos va de las manos*, publicada pelo caderno Ideas do jornal El País no dia 07 de maio de 2017. Disponível em <[http://elpais.com/elpais/2017/05/05/ciencia/1493985563\\_657372.html](http://elpais.com/elpais/2017/05/05/ciencia/1493985563_657372.html)>. Acessado em 08 de maio de 2017.

“a dimensão fugidia do tempo”, além do “sentido da ambiguidade que a evolução temporal introduz pelo cruzamento da percepção da realidade com a causalidade e inexplicabilidade da memória” (SPODE, 2012, p.4).

A revolução industrial é o que marca a transição para a modernidade. O surgimento de tecnologias — trens, automóveis, aviões, telefone, rádio — faz com que o tempo seja “comprimido”, e insere o conceito da simultaneidade, descrito por Einstein em sua teoria da relatividade restrita, em 1905. Foi também a partir da modernidade que “o tempo passou a ser uma preocupação permanente” (SPODE, 2012, p.5), devido ao sistema capitalista e industrial, fortemente vinculados ao trabalho. O tempo livre das pessoas obedece seu ritmo de trabalho; o tempo de trabalho obedece regras de produção; as regras de produção seguem um modelo *globalizado*. Segundo Spode (2012, p.5), “o tempo real é alucinante, rápido e fluido, e sua influência na sociedade é assim percebida. A sociedade atual é frenética, escravizada pelo relógio, sufocada pela rotina e pelos compromissos aos quais estamos submetidos”.

Se os nossos avós padeciam do tédio de dias sempre iguais, nós padecemos de vertigem por instantes sempre diversos, dilatados, acelerados e excessivos, nos quais se orientam somente aqueles que, dotados de sabedoria, sabem viver com estilo, submetendo e sincronizando os ritmos frenéticos do mundo aos próprios biorritmos (DE MASI, 2000, p. 200).

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001, p.65), nossa sociedade se transformou em uma sociedade de consumidores, vivendo um capitalismo “leve”, em que tudo é descartável e nada é feito para durar. Essa validade atinge não apenas os objetos de consumo, mas as relações humanas, relações de trabalho e até mesmo a própria identidade, e a tecnologia da informação e da comunicação transforma os laços humanos em *networks*, e permite a facilidade de conectar-se e desconectar-se dos outros (Bauman, 2004). Essa fragilidade é resultado de um processo que Bauman chama de “modernidade líquida” — o tempo, as relações e o mundo são mais do que frágeis: são fugidios, rápidos, instáveis. As relações são marcadas pela incerteza e instabilidade, e a própria vida se torna um “empreendimento individual”, em que o homem busca o tempo todo satisfazer seus desejos e encontrar uma identidade na qual se

firmar. Essa busca é contínua num mundo onde tudo é mercadoria: na modernidade líquida, os referenciais — família, comunidade, tradição, religião, ideologia política, entre outros que formam a identidade — são desconstruídos continuamente, e a sociedade é cada vez mais seletiva, e, inserido nesse contexto, o homem moderno vive num mundo frenético, caótico, em que tudo acontece rápido demais.

### **3.2 JUSTIFICATIVAS: escolha do tema e da mídia impressa**

A escolha do tema aconteceu após a leitura de uma reportagem-ensaio da revista *Nautilus* intitulada “Why your brain hates slowpokes”<sup>2</sup>, que trata da impaciência que sentimos quando alguém anda muito devagar na nossa frente. Com a leitura do texto, comecei a pensar numa variedade de momentos que causam essa mesma impaciência — o tempo que leva para um computador ligar, os minutos intermináveis ouvindo a música no telefone enquanto a ligação não é atendida — e como esse tempo passa de maneiras diferentes para cada pessoa, como cada um percebe esse tempo de uma forma. O que é muito rápido para um senhor idoso pode levar uma eternidade para uma criança de dois anos, por exemplo. Mas, além disso, uma das maiores razões para a escolha da temática da percepção do tempo é o fato de ser um assunto sobre o qual não tenho domínio algum. A elaboração da temática surgiu quase que “do nada”, e todo o aprendizado adquirido com as leituras, durante o período de pré-apuração e na apuração em si traz algo novo o tempo todo. Creio que isso se reflete na reportagem, tornando-a mais informativa, clara e compreensível para o leitor que, presume-se, também não tem bagagem sobre o assunto. Segundo Olinto,

Para extrair, no entanto, dos fatos de que toma profissionalmente conhecimento, o mundo inesperado de emoção de que precisa a obra de arte, jornalística ou não, o repórter tem de manter em si a capacidade de espanto que origina o poema ou artigo, o conto ou relato. É a virgindade mental de quem contempla o mais conhecido dos espetáculos — como os de sofrer ou amar, sorrir ou lutar — com uma receptividade tão humana que saiba, depois, transformá-los em linguagem, em palavras de uso diário (OLINTO, 2009, p.37)

---

<sup>2</sup> Texto publicado no dia 05 de março de 2015. Disponível em <http://nautil.us/issue/22/slow/why-your-brain-hates-slowpokes>. Acesso em janeiro de 2017.

Acredito que a reportagem impressa é o formato que melhor permite alcançar os objetivos desejados, especialmente pelos relatos serem sobre experiências e sentimentos, muito subjetivos para serem tratados em audiovisual, uma mídia que demandaria diversos recursos, como imagens de cobertura, por exemplo. Por isso, a grande reportagem, que por si só compreende um texto longo e mais aprofundado (KOTSCHO, 1989, p.71), foi escolhida tanto pelo formato como pela metodologia. Ainda segundo Kotscho,

A única maneira de diminuir os riscos é se calçar bem, antes: ler no arquivo do jornal tudo o que já se publicou sobre o tema, não só para se informar sobre ele, mas para não repetir uma história já contada. Depois, é montar com muita calma um roteiro. Saber direito quem você deve procurar em cada ponto desse roteiro, quais são os personagens, situações e lugares mais ricos — o que vier a mais, de imprevisito, é lucro (KOTSCHO, p.72, 1989).

O gênero ensaio, por sua vez, foi a opção que encontrei que mais combina com o tema abordado. No entendimento de Medeiros (2008, p. 112), “o ensaio é problematizador, antidogmático e nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade”. Pertencente ao gênero opinativo, o ensaio é um estilo textual pouco trabalhado no curso de Jornalismo, e gostaria de aproveitar a oportunidade do TCC para explorar esse gênero. Segundo Santos e Freire (2011, p.1), o ensaio é um texto dissertativo e, “enquanto texto essencialmente argumentativo, o valor da argumentação assume papel decisivo na estruturação”.

Além da profundidade de análise e da complexidade da estrutura dissertativa, outro fator que se deve levar em conta é o próprio tema a ser tratado no ensaio, o qual vai desde a impressão causada no escritor por sua própria personalidade ou pela de outrem, até a apreciação ou o julgamento de diferentes realizações humanas. (SANTOS, FREIRE, p.1, 2011).

Além disso, a reportagem em texto permite que algumas entrevistas sejam realizadas por telefone ou por e-mail. Há poucas imagens objetivas, por isso, as ilustrações que acompanham o texto serão artes ou fotografias produzidas, de maneira experimental e com teor ensaístico.



### 3.3 ESTRUTURA E CONTEÚDO

A reportagem será dividida em três partes — *Tempo, Pressa e Calma* —, buscando, em cada uma delas, contemplar uma temática, começando com uma análise de como a percepção do tempo mudou no decorrer dos anos, fazendo um paralelo histórico através de histórias de personagens e pesquisa; em seguida, abordando como essas mudanças afetam o comportamento das pessoas em relação ao consumo, à tecnologia, interações sociais e na própria percepção do tempo; e terminando com as tendências *slow*, que vão contra o ritmo acelerado do dia-a-dia das pessoas (*slow-food*, *slow-fashion*, entre outros).

Com tamanho previsto aproximado de 45 mil caracteres (em média 15 mil para cada ensaio), o trabalho será apresentado como uma matéria especial para revista, diagramado e com ilustrações, com um abre que conecta as três partes. Os ensaios não terão retrancas e, embora estruturados em série — Partes I, II e III —, poderão ser lidos em qualquer ordem, independentemente de sua cronologia dentro do trabalho. Devido ao tom ensaístico que pretendo conferir ao texto, como citado no item 3.2, a reportagem não irá se basear apenas nos relatos dos personagens e entrevistas com as fontes especializadas, mas também dialogará com ideias de autores que tenho lido para embasar tanto este projeto quanto o trabalho final que será apresentado à banca.

A opção pelo uso de ilustração e não fotografia se dá, também, devido à escolha do gênero ensaio-jornalístico, que se aproxima mais da literatura em sua forma e possui um tom mais poético do que a reportagem em si, que tem uma característica mais dura. Além disso, é também uma opção estética para a apresentação do projeto finalizado e diagramado.

### 3.4 FONTES

A princípio, para o embasamento e teorização, serão entrevistados especialistas das áreas da História, Psicologia, Neurologia, Publicidade e Jornalismo, especialmente no primeiro ensaio, que busca traçar um panorama e estabelecer um comparativo entre a pós-modernidade e o período que antecedeu o advento da tecnologia como a conhecemos hoje. Entrevistas com donos e frequentadores de restaurantes *slow food*, lojas de *fast fashion* e *slow fashion* vão compor a terceira e última parte da reportagem.

Outros depoimentos serão relatos de pessoas comuns, que servirão de personagens para a reportagem, e farão parte dos três ensaios, mas, principalmente, do segundo. As pessoas que procuro entrevistar são tanto pessoas “submersas” em sua rotina, completamente dependentes de tecnologia, que estão sempre apressadas e são responsáveis por coisas demais (no sentido da automatização dos afazeres, que torna cada pessoa mais independente e ao mesmo tempo dependente de um sistema), quanto pessoas que se recusam a viver dessa maneira e buscam formas de tentar desacelerar e viver num ritmo menos frenético; pessoas que gostam do caos da pós-modernidade, pessoas que não gostam. Pretendo buscar por estes personagens em cenários da vida cotidiana: no transporte público, em restaurantes numa hora de almoço corrida, em suas casas mais afastadas do centro da cidade. A ideia é entrevistar pessoas de várias idades, desde crianças até idosos, para poder entender como cada geração também reage à passagem do tempo. Como são pessoas comuns, não estão listadas abaixo.

Carmen Silvia Rial

Departamento: Antropologia (CFH/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9714 / [rial@cfh.ufsc.br](mailto:rial@cfh.ufsc.br)

Antropologia Urbana. Antropologia da Alimentação. Antropologia do Esporte.  
Antropologia Visual. Globalização Cultural.

Fabiano Gregório

Contatos: (48) 9963-1600 / [fabianogregorio@hotmail.com](mailto:fabianogregorio@hotmail.com) /

[mata.atlantica@slowfoodbrasil.com](mailto:mata.atlantica@slowfoodbrasil.com)

Líder do Convívio Mata Atlântica, parte do movimento Slow Food Brasil em Florianópolis, chef do restaurante Ostradamus.

Felipe Belão

Contatos: [falamestre@gmail.com](mailto:falamestre@gmail.com)

Publicidade. Comportamento do Consumidor.

Fernando Ponte de Sousa

Departamento: Sociologia e Ciência Política (CFH/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9253 ramal 9250 / [ponte@cfh.ufsc.br](mailto:ponte@cfh.ufsc.br)

Processo de Globalização e Mundo do Trabalho.

Gabriela Pieroni

Contatos: (48) 9638-9981 / [guabijuba@gmail.com](mailto:guabijuba@gmail.com) /

[enghodefarinha@slowfoodbrasil.com](mailto:enghodefarinha@slowfoodbrasil.com)

Líder do Convívio Engenhos de Farinha, parte do movimento Slow Food Brasil em Florianópolis.

Héctor Ricardo Leis

Departamento: Sociologia e Ciência Política (CFH/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9405 / [hector.leis@gmail.com](mailto:hector.leis@gmail.com)

Condição Humana na Sociedade Contemporânea. Globalização e Relações Internacionais.

Henrique Finco

Departamento: Cinema (CCE/UFSC)

Contatos: [henfin@gmail.com](mailto:henfin@gmail.com)

Comunicação. Escolhas do Consumidor. Publicidade.

Hermetes Reis de Araújo

Departamento: História (CFH/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9249 / [hermetes@uol.com.br](mailto:hermetes@uol.com.br)

História Moderna e Contemporânea. História dos Processos Socioculturais Urbanos.

História da Ciência e da Técnica.

Larissa Müller

Contatos: (48) 99117-7394

Neuropediatria.

Liana Miriam Miranda Heinisch

Departamento: Clínica Médica (CCS/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9149 / [heinisch@hu.ufsc.br](mailto:heinisch@hu.ufsc.br)

Neurologia.

Luciana Bianchi

Contatos: [lbcuisine@gmail.com](mailto:lbcuisine@gmail.com)

*Slow food*. Gastronomia. Culinária tradicional.

Marcelo Amaral

Contatos: (41) 3232-7758

*Slow food*. Gastronomia responsável. Culinária tradicional.

Marco Aurelio Kneipp

Departamento: Física (CFM/UFSC)

Contatos: 3721-3735 / [kneipp@fsc.ufsc.br](mailto:kneipp@fsc.ufsc.br)

Física moderna. Física quântica.

Maria José Baldessar

Departamento: Jornalismo (CCE/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9986 / [mbaldessar@hotmail.com](mailto:mbaldessar@hotmail.com)

Sociedade da Informação. Revolução Informacional.

Marina Bouzon

Departamento: Engenharia de Produção (CTC/UFSC)

Contatos: [marina.bouzon@ufsc.br](mailto:marina.bouzon@ufsc.br)

Comportamento do consumidor.

Marlon Soares

Contatos: (41) 9196-9065

Física moderna. Física quântica.

Mayara Altherino Macedo

Departamento: Design (CCE UFSC)

Contatos: [m.altherinomacedo@gmail.com](mailto:m.altherinomacedo@gmail.com)

Marketing. Comportamento do Consumidor.

Paulo Marcos Borges Rizzo

Departamento: Arquitetura e Urbanismo (CTC/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9393 / [prizzo@arq.ufsc.br](mailto:prizzo@arq.ufsc.br)

Urbanismo e Globalização.

Rochelle Santos

Departamento: Design (CCE/UFSC)

Contatos: [rochelle.santos@ufsc.br](mailto:rochelle.santos@ufsc.br)

Publicidade. Comportamento do Consumidor.

Silvio Marcus de Souza Corrêa

Departamento: História (CCE/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9249 / [silviocorrea@cfh.ufsc.br](mailto:silviocorrea@cfh.ufsc.br)

História Moderna e Contemporânea. Sociologia do Desenvolvimento.

Sônia Weidner Maluf

Departamento: Antropologia (CFH/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9714 / [maluf@cfh.ufsc.br](mailto:maluf@cfh.ufsc.br)

Antropologia Urbana. Antropologia da Pessoa. Modos Contemporâneos de Subjetivação. Comunicação e Cultura.

Tattiana Gonçalves Teixeira

Departamento: Jornalismo (CCE/UFSC)

Contatos: (48) 3721-9215 / [tattiana@cce.ufsc.br](mailto:tattiana@cce.ufsc.br)

Cibercultura.

#### 4. CRONOGRAMA

<b>Atividade</b>	<b>Maio e Junho</b>	<b>Julho e Agosto</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>
Pré-apuração e contato com as fontes	X				
Leitura de material - referências e embasamento	X	X			
Apuração e entrevistas		X	X		
Redação			X		
Envio da 1ª versão para o orientador			X		
Edição			X	X	
Envio da 2ª versão para o orientador				X	
Revisão				X	
Diagramação				X	X
Apresentação					X

## 5. ORÇAMENTO

A princípio, a apuração acontecerá em Florianópolis, Curitiba e São Paulo, e o gasto com transporte e alojamento ainda será estimado. O orçamento prévio total é de R\$ 3.240,00 e será custeado pela aluna.

<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Custo</b>	<b>Fonte</b>
Gravador digital	01	R\$ 150,00	própria
Câmera Nikon D5100	01	R\$ 2.200,00	própria
Objetiva Nikon 18-55mm	01	R\$ 350,00	própria
Cartão de memória 32 GB	01	60,00	própria
Impressão de 30 páginas coloridas (número aproximado)	04	01 cópia: R\$ 120,00  04 cópias: R\$ 480,00	própria
<b>Total: R\$ 3.240,00</b>			



## **6. FINALIDADES**

A principal finalidade deste Trabalho de Conclusão de Curso é contar histórias e, através delas, buscar entender um pouco melhor as relações das pessoas com o tempo, com a tecnologia e com elas mesmas. Considerando as limitações de um projeto de TCC, a ideia é que os ensaios possam fornecer um ponto de vista sobre essas questões. Com essa reportagem, pretendo instigar os leitores a pensarem sobre a temática abordada, entender melhor o mundo em que vivemos e, talvez, conseguir lidar melhor com o caos que é a modernidade.

O TCC é, também, uma última oportunidade para explorar recursos textuais num viés experimental, o que representa uma grande chance de aplicar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Jornalismo e também de exercitar a criatividade. Por permitir maior liberdade e criatividade, a reportagem é também um desafio: encontrar, apurar e contar histórias em um texto mais longo e rigoroso do que o que foi produzido até agora e, depois, ser avaliada e criticada enquanto graduanda.

## 7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

EL PAÍS. **El tiempo se nos va de las manos**. Disponível em <[http://elpais.com/elpais/2017/05/05/ciencia/1493985563\\_657372.html](http://elpais.com/elpais/2017/05/05/ciencia/1493985563_657372.html)>. Acessado em 08 de maio de 2017.

GOOGLE/IPSOS. **How micro-moments are changing the rules**. 2015. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/articles/how-micromoments-are-changing-rules.html>> Acesso em 06 de maio de 2017.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna** - Formas elementares da pós-modernidade. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamento, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2008.

NAUTILUS. **Why your brain hates slowpokes**. Disponível em: <<http://nautil.us/issue/22/slow/why-your-brain-hates-slowpokes>>. Acessado em 20 de abril 2017.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editoras, 2009.

OLIVEIRA, Fernanda Volkerling de. **Hilda Hilst**: até a última letra. Florianópolis, julho de 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121119/299339.pdf?sequence=1&isAlloved=y>> Acessado em 28 de abril de 2017.

SANTAYANA, Mauro. **O homem e o tempo**. Disponível em: <<http://www.maurosantayana.com/2014/01/o-homem-e-o-tempo.html>>. Acessado em 05 de maio de 2017.

SANTOS, Daniella de Almeida, OLIVEIRA, Eliane Freire. **Os desafios do ensaio jornalístico na graduação**. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-daniela-oliveira-eliane-desafio-ensaio-jornalistico-graduacao.pdf>> Acessado em 07 de maio de 2017.

SILVA, Maria do Rosário Martins da. **O consumidor da geração “Y” - Entender para atender!**. Disponível em:

<[http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?rh=O-CONSUMIDOR-DA-GERAcaoO-%93Y%94-%96-ENTENDER-PARA-ATENDER!&idc\\_cad=8l8yid9e7](http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?rh=O-CONSUMIDOR-DA-GERAcaoO-%93Y%94-%96-ENTENDER-PARA-ATENDER!&idc_cad=8l8yid9e7)>. Acessado em 05 de maio de 2015.

SOLOMON, Michael. **O comportamento do consumidor** – Comprando, consumindo e sendo. Porto Alegre: Bookman, 2008.

SPODE, Elsbeth. **A Perspectiva do Tempo, a Partir da Obra “A Persistência da Memória” de Salvador Dalí, e sua Relação com o Trabalho e o Turismo**. Disponível em:

<[http://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur%20eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_7/gt03/arquivos/03/01\\_51\\_39\\_Spode](http://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt03/arquivos/03/01_51_39_Spode)>. Acessado em 07 de maio de 2017.

## 8. BIBLIOGRAFIA A SER CONSULTADA

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. Livro XI *in* **Confissões**. São Paulo: Apostolado da Imprensa, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **A ordem das coisas**: pensar a pós-modernidade. São Paulo: Forense Universitária, 2016.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos** - O declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

NADOLNY, Sten. **The discovery of slowness**. Edinburgh: Canongate, 2003.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

ANEXO — Termo de aceite do orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

### **TERMO DE ACEITE DO ORIENTADOR**

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Eu, Mauro César Silveira, professor (a) do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, assumo a responsabilidade pela orientação, no semestre 2017.2, do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna NATÁLIA HUF, matrícula 13203339, que tem como título provisório *Quanto tempo o tempo tem*.

---

Mauro Cesar Silveira  
Número do SIAPE